

POR ALGUMA DESORDEM

Frederico Pedreira

Sei que poucas foram as vezes em que me senti inclinado para tirar e guardar fotografias em idade adulta, embora desde muito novo mantenha o hábito de ir à procura de fotografias de família. Não é exactamente ir à procura, sei bem onde elas estão, e por isso reconheço que o uso da palavra ‘procurar’ não é inocente: é que algo me faz crer, enquanto interrompo o que faço a determinada altura, que estou a questionar uma noção de tempo por si mesmo repetitiva, a comprometer-me com a ideia de um gesto talvez maior do que o meu dia, o de virar costas ao mundo, ao seu tempo, e logo rodeando-me desses rectângulos empedernidos, húmidos, de luz pouco esclarecedora, coisas que servem para demarcar momentos curiosos ou etapas decisivas *no* tempo. Nessas investidas de reconhecido temperamento nostálgico, não raras vezes sei que irei surpreender-me com o vislumbre do meu rosto numa das fotografias, enquanto as revejo, umas atrás das outras, com rapidez e um sentimento de culpa absurdo. Esta culpa vem da noção, talvez igualmente absurda, de estar a perder o mundo de agora com outro que já foi. A culpa vai-se afinando e torna-se mais difícil de sossegar quando tento o exercício de animar, após vários minutos de atenção, as pessoas que aparecem nas fotografias, bem como os objec-

tos que parecem prender a sua atenção. Melhor (ou pior, como se preferir): ver de perto os rótulos das garrafas de refrigerantes em cima de uma mesa num aniversário de há muitos anos atrás, as formas dessas garrafas e de outras embalagens, formas que já não existem, ver o que sobra nos pratos, a disposição dos pratos e a sua razão de ser, perceber de que movimento destemperado poderão ter surgido as nódoas na camisola de um ou outro convidado, de onde terá soado a graça de que todos parecem rir. E depois, o exercício predilecto: tentar entender o que me retinha o olhar atento, aquela pose tão convicta. De há uns tempos para cá, tiveram a ideia, cá em casa, de organizar o que eram vários montes de fotografias de tamanhos diferentes, antes encontradas dentro e fora de acetatos, caixas e gavetas, juntando-as assim em cinco álbuns castanhos de capa dura, por ordem cronológica. Agora sei onde posso encontrar as fotografias, e também sei que umas estarão a fazer uma companhia especial a outras: o aniversário, isto é, as várias etapas da celebração, o banho de um dos irmãos, a continuação do banho, agora com braços e mãos diferentes a surgirem na banheira e na fotografia, a visita ao jardim zoológico, o piquenique, algures também no jardim zoológico, a viagem a Cabo Verde, o barco em que estamos

todos, primeiro um, depois o outro, depois todos nós em Cabo Verde. Mas antes desta ordenação das fotografias, eu não reparava logo em '1984, Viagem Cabo Verde', nem em 'Festa aniversário, D., 1987', ou 'D. e prima, casa de X.' A catalogação, por mais primária que seja, forçou uma direcção de sentido e emperrou-me nela. A minha surpresa, que vinha de mergulhar as mãos num grande amontoado de fotografias, era a de olhar para cada uma delas impelido pela necessidade da procura, e essa necessidade em mim não era dada a catalogações, datas ou ocasiões. A surpresa não podia vir de nada que encontrasse nas fotografias: vinha da mera necessidade que sentia de ser surpreendido. Se me levantasse do chão e olhasse pela janela, não seria a mesma coisa: nesse caso, mesmo a pessoa mais distante, avistada com o seu saco de compras, faria um certo sentido no tom geral da minha disposição. Mas com as fotografias é diferente: o facto de elas existirem representa já a ideia de interrupção. Basta pensar em alguém que achou por bem achar algo de exemplar no seu dia, e que marcou a projecção dessa exemplaridade para um dia futuro. Talvez as fotografias possam não ser mais do que isto: pedaços de diversão que nos lembramos de fazer para escaparmos à verdade trivial de que o tempo anda connosco, mas de costas voltadas para os nossos queixumes, para as aflições que o têm como objecto. A questão é, mais uma vez, a da ordenação: quem revisita um álbum de fotografias pode dizer que está, de facto, a fazer alguma coisa que faça sentido no seu dia. Poderá assim justificar esta revisitação a outra pessoa com frases como: 'Hoje, estive a ver as fotografias daquela vez em que fomos a X.', ou 'Estive à procura de fotografias em que o nosso primeiro carro aparece'. Também pode ser a resposta para um devaneio: 'Estava aborrecido e deu-me para ir ver aquelas fotografias de quando nos conhecemos'. A diferença, no caso da revisitação das fotografias desordenadas, torna-se

evidente numa certa sensação de tempo perdido quando nos cansamos de as rever. Há, no entanto, também uma sensação de tempo preenchido, mas torna-se difícil distinguirmos o que o preencheu, e por isso será difícil dizer que se fez alguma coisa *no* tempo, talvez pela presunção de se ter achado, nesse dia, que era possível fazer alguma coisa *com* o tempo. Ir à procura de fotografias sem um objectivo mais ou menos claro poderá indicar que estamos inquietos com a própria noção de tempo. O confronto aleatório com fotografias do nosso passado representa, de cada vez, uma exclamação de espanto direccionada, não para aquilo que foi o nosso tempo (passado, perdido, esquecido, celebrado), mas para este tipo de inquietação. Claro que, neste sentido, as fotografias revisitadas são apenas um pretexto para o entretenimento que mantemos com convicções, crenças ou dúvidas particulares, e que pouco ou nada têm a ver com ocorrências do passado. Encontradas assim, a partir da necessidade de entretermos as nossas mentes, elas podem parecer estranhas, isto porque são acidentais, notas à margem desse reconhecimento momentâneo que fazemos de nós mesmos. No entanto, o confronto com os nossos pensamentos nunca seria o mesmo sem essa revisitação, aparentemente trivial e sem uso, das várias fotografias de família. Estivemos ocupados a pensar naquilo que pensamos que somos nesse momento, e por acaso temos uma série de fotografias entre mãos. O gesto de passar as várias fotografias representa o vínculo que mantemos com o grau de absorção nos nossos pensamentos. Não existe um trabalho do passado *enquanto* passado: ele interfere na percepção do presente, transformando-o. É do estranho resultado desta interferência que surge o encanto particular das fotografias de família. Ali estamos nós, os conhecidos: nós, afinal, os desconhecidos para os queixumes e aflições que reservámos para este dia.